

Tensão Escalada dos Treasuries derruba bolsas pelo mundo; cresce chance de alta de 0,75 ponto nos juros dos EUA

Temor com Fed abala mercados

Victor Rezende, Arthur Cagliari, André Mizutani e Gabriel Roca
De São Paulo

A semana começou com elevada tensão nos mercados financeiros globais. Enquanto as taxas dos Treasuries dispararam, as bolsas derreteram em diferentes partes do mundo. Com a inflação ao consumidor nos maiores níveis em 40 anos nos Estados Unidos, o humor dos agentes foi minado pela percepção de que o processo de desancoragem das expectativas inflacionárias de médio prazo segue a todo vapor. Não por acaso, a percepção de que o Federal Reserve (Fed) precisará subir os juros ainda mais e de forma mais agressiva pesou no sentimento dos agentes.

O estresse no mercado foi expressivo a ponto de aumentar as apostas de uma alta mais forte nos juros americanos nesta semana. De acordo com o CME Group, os contratos futuros dos Fed funds precificam, agora, 91,2% de probabilidade de um aumento de 0,75 ponto percentual pelo Fed na quarta-feira. E, se Barclays e Jefferies estavam isolados com essa expectativa, ela já começa a ganhar cada vez mais adeptos.

Não por acaso, o estresse mais profundo se deu no mercado de Treasuries ontem. Para se ter ideia da dimensão dos movimentos de ontem, o retorno da T-note de dois anos subiu 0,289 ponto percentual, para 3,358%. No mercado de juros futuros brasileiro, a taxa do DI para janeiro de 2024 ganhou 0,335 ponto, para 13,335%.

O juro americano de curto prazo, assim, encostou na taxa de dez anos, que ontem subiu para 3,43%. E, com o aperto das condições monetárias, as bolsas aprofundaram a correção recente, com destaque para o S&P 500 que, ao ceder 3,88%, para 3.749,63 pontos, entrou em território de "bear market" (ou "mercado baixista"), já que caiu 21,82% desde o recorde anotado em janeiro. Ainda em Wall Street, o índice Dow Jones recuou 2,79%. Já o índice eletrônico Nasdaq sofreu baixa de 4,68%.

O clima contaminou o mercado brasileiro, onde o Ibovespa caiu 2,73% e o dólar subiu 2,56%, sendo cotado a R\$ 5,1146.

O "aumento surpreendente" das expectativas de inflação de longo prazo nos EUA, mostrado na pesquisa quinzenal da Universidade de Michigan, foi um dos motivos

apontados pelo economista-chefe para EUA do J.P. Morgan, Michael Feroli, para justificar a alteração na projeção do banco para os juros nesta semana. O economista espera, agora, que o Fed aumente as taxas em 0,75 ponto na quarta-feira e avalia, ainda, que "a verdadeira surpresa seria, realmente, elevar [os juros em] 1 ponto, algo que pensamos ser um risco não trivial".

Pouco depois do J.P. Morgan, o Goldman Sachs alterou seu cenário e passou a considerar dois aumentos de 0,75 ponto nos juros — um nesta semana e outro, em julho. Como justificativa, os economistas do Goldman apontam reportagem do "The Wall Street Journal" que relatou que os dirigentes do Fed provavelmente "considerarão as surpresas dos mercados, com um aumento de 0,75 ponto nos juros nesta reunião".

"Nosso melhor palpite é, portanto, que o artigo é uma dica do comando do Fed de que uma alta de 0,75 ponto está a caminho", dizem os economistas do Goldman Sachs. Apesar de esperarem dois aumentos de 0,75 ponto nos juros pelo Fed, eles ainda acreditam que as taxas devem chegar ao intervalo entre 3,25% e 3,5% no fim do atual ci-

Bolsas no vermelho

Variações no dia, em %

Índice	País	Var.%
Nasdaq Composite	EUA	-4,68
S&P 500	EUA	-3,88
Nikkei	Japão	-3,01
Dow Jones	EUA	-2,79
Ibovespa	Brasil	-2,73
CAC	França	-2,67
DAX	Alemanha	-2,43
ÍPSA	Chile	-2,03
FTSE 100	Inglaterra	-1,53
Xangai	China	-0,89
IPC	México	-0,05

Fontes: B3 e Valor PRO. Elaboração: Valor Data

clo de aperto nos EUA. Agora, porém, a expectativa é a de que esse nível seja alcançado em dezembro.

Na sua última reunião, o Fed havia dado uma sinalização clara de que pretendia elevar os juros em 0,5 ponto nas duas próximas decisões, mas não apenas os futuros dos Fed Funds indicam alta de 0,75 ponto nesta decisão, como também uma probabilidade de 73,1% de mais uma movimentação de mesma magnitude em julho.

Para dezembro, os futuros dos Fed Funds indicam 51,1% de probabilidade de que os juros do Fed estejam entre 3,75% e 4% ou acima deste nível, o que colocaria a política monetária americana claramente em postura restritiva. Embora não esteja claro qual é a taxa neutra — aquela que nem prejudica e nem impulsiona a economia americana —, normalmente se considera que ela esteja próxima de 0,5 ponto percentual acima da meta de inflação de 2%.

A disparada dos juros, a queda forte das bolsas e o aumento dos spreads de crédito têm, assim, gerado um cenário de condições financeiras cada vez mais apertadas

nos EUA. Não por acaso, o índice de condições financeiras do Goldman mostrou um forte aperto na semana passada, ao saltar 0,45 ponto percentual. A queda brusca das ações ajuda a explicar metade do desempenho, seguida do câmbio e dos juros de longo prazo.

O índice de condições financeiras globais, por sua vez, registrou um aperto de 0,54 ponto percentual na semana passada. Cabe lembrar que boa parte desse movimento se dá na esteira da decisão do Banco Central Europeu (BCE), que também indicou que pretende apertar as condições monetárias. Ainda com os ecos do BCE em mente, o índice pan-europeu Stoxx 600 recuou 2,41% na sessão de ontem.

Um dos destaques negativos foi o índice FTSE MIB, da bolsa de Milão, que cedeu 2,79%, na medida em que as dúvidas sobre a sustentabilidade da dívida italiana têm aumentado diante do aumento expressivo dos juros. Ontem, o juro do BTP italiano de dez anos saltou a 4,014%, maior nível desde 2014.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Finanças **Caderno:** C **Página:** 1